

ENSINO, SAÚDE E AMBIENTE

Por que Paulo Freire ainda hoje? O que dizem mestrandas e mestrandos na Disciplina: “Educação e Transformação em Paulo Freire”

Why is Paulo Freire still important today? What do Master's students say in the subject “Education and Transformation in Paulo Freire”?

Jonê Carla Baião¹; Cláudia Hernandez Barreiros Sonco²; Andrea da Paixão Fernandes³.

¹ Doutora em Letras (PUC-Rio), Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-Uerj - DEF - PPGE), Rio de Janeiro, RJ, Brasil – E-mail: jonebaiao@gmail.com / ORCID <https://orcid.org/0000-0003-2885-5628>

² Doutora em Ciências Humanas - Educação (PUC-Rio), Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-Uerj - DEF - PPGE), Rio de Janeiro, RJ, Brasil- E-mail: claudiahbsonco@gmail.com / ORCID <https://orcid.org/0000-0002-4229-6028>

³ Doutora em Educação (UNICAMP), Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-Uerj - DEF - PPGE), Rio de Janeiro, RJ, Brasil, E-mail: andref@uerj.br / ORCID <https://orcid.org/0000-0003-3279-8056>

Palavras-chave:

Paulo Freire; educação e transformação; formação de professores; memes.

RESUMO: Este artigo indaga a pertinência da contribuição de Paulo Freire, um pensador educador do século XX, aos desafios da educação no século XXI. No ano do centenário de seu nascimento, docentes do PPGE-CAp-UERJ ministram a disciplina “Educação e Transformação em Paulo Freire”, apostando na potência das reflexões e proposições do autor para enfrentar variados problemas da atualidade. A disciplina traz mestrandas do próprio programa e alunas especiais. Os dois grupos, que se tornam um na disciplina, são formados por professoras de diversas escolas e redes de ensino, especialmente na educação básica. Como uma das atividades iniciais do curso, são interrogadas sobre a presença do autor em seus processos de formação, assim como, sobre o que buscam na disciplina. Essas respostas são potentes para responder à pergunta original do artigo. Mas ele conta também com o inusitado: no dia do aniversário de 100 anos do nascimento de Freire, circularam vários memes comemorativos pelas redes sociais, inclusive num grupo de *Whatsapp* da turma da disciplina. Chama a atenção das professoras a riqueza semiótica de vários deles e, em especial de um, que é trazido neste artigo, com as interpretações escritas pelas estudantes. As respostas mostram não apenas a atualidade do pensamento, mas também a capacidade de sua obra em dialogar com desafios enfrentados por outros autores e abordagens que emergiram mais fortemente no início do século XXI, como a pedagogia decolonial.

As Epistemologias Freireanas

Keywords:

Paulo Freire; education and transformation; teacher training; memes.

Abstract: This article aims at discussing the relevance of the contribution of Paulo Freire, a 20th century thinker-educator, to the challenges of education in the 21st century. In the centenary year of his birth, professors of the PPGEBCAp-UERJ teach the subject "Education and Transformation in Paulo Freire", betting on the power of the author's reflection and propositions to face several current problems. The discipline encompasses master's students enrolled in the program itself as well as outside students. The two groups, which become one in the subject, are formed by teachers from different schools and teaching segments, especially in basic education. As one of the initial activities of the course, they are asked about the author's presence in their teacher education processes and about their expectations of the subject. These answers are paramount to answer the article's original question. However, it also counts on the unusual: on the 100th anniversary of Freire's birth, several commemorative memes circulated through social networks, including a Whatsapp group from the discipline's class. The semiotics richness of several of them draws teachers' attention, and especially the one, presented in this article with students' written interpretation. The answers show not only the currentness of thought but also the ability of Freire's work to dialogue with challenges faced by other authors and approaches that emerged strongly in the beginning of the twentieth one century, such as colonial pedagogy.

Como cidadãs-professoras, que vivem hoje, queremos trazer para o debate neste artigo alguns dos desafios colocados à escola e, portanto, às educadoras e aos educadores¹ nesse tempo.

Nossa motivação para a escrita deste artigo nasce da compreensão da relevância de se refletir sobre as concepções freirianas e suas contribuições para a educação. Dialogamos com as alunas da disciplina que ministramos no semestre em curso (2021.2) num Programa de Pós-Graduação em Ensino, tendo como foco a educação básica em suas diferentes modalidades de ensino. A disciplina eletiva "Educação e transformação em Paulo Freire" nasceu com o Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica (PPGEB/CAp-Uerj) em 2013. A primeira turma aconteceu em 2014.

¹ Considerem-se todas, todes e todos aqui contemplados neste texto em que ora nos referiremos ao gênero neutro, outras no gênero feminino e outras no gênero masculino: uma maneira de trazer esse mundo para reflexão na linguagem.

As Epistemologias Freireanas

Quando o ano de 2021 se anunciou, conversamos e decidimos oferecer, em mais uma edição, a disciplina, dessa vez em diálogo com as comemorações pelo centenário de nascimento de Freire. Dadas as condições contextuais, pela primeira vez, a disciplina foi ofertada por meio de ensino remoto, como todas as outras disciplinas oferecidas pelo Programa de Pós-Graduação, nesse momento da pandemia de Covid-19.

Tivemos 22 estudantes do mestrado *inscritas*. Considerando o contexto sócioemocional e o centenário, abrimos algumas vagas para alunos especiais, pensando em chegar, talvez, a 30 alunas no total. Ao descobrirmos que recebêramos mais 25 candidatas a alunas especiais, conversamos e decidimos aceitar a todas, sabendo que sempre há um pequeno número de desistências no percurso do semestre.

Foi com esse significativo público de professoras formadas e/ou atuantes (47 ao total), oriundas de diversas regiões do estado do Rio de Janeiro, de várias redes públicas e escolas privadas, que resolvemos tomar a experiência com essa turma como objeto de estudo.

A disciplina é ministrada por meio de Ambiente Virtual de Aprendizagem (plataforma Moodle), na qual são disponibilizados materiais de estudo como artigos, livros², audiovisuais, atividades etc, e onde criamos e participamos de fóruns em interface com encontros síncronos de 2h ou 3h semanais. As estudantes também criaram um grupo da turma no *WhatsApp*, do qual nós, professoras, participamos. Um grupo bem movimentado!

Já no primeiro encontro, ao dar as boas-vindas ao grande grupo, explicamos nossas motivações e informamos sobre nosso desejo de investigar o que levava um grupo tão significativo a buscar uma disciplina centrada na vida e obra de Paulo Freire. Além disso, pretendíamos acompanhar os processos de significação constituídos pelas cursistas dos conceitos e princípios desse grande educador brasileiro, cidadão do mundo.

Para transformarmos nosso projeto de investigação em realidade, lançamo-nos ao desafio da escrita deste artigo. Para isso, tomamos dois recortes. O primeiro foi identificar as motivações que levaram os diferentes sujeitos a buscarem cursar a disciplina neste semestre. Quisemos também entender o papel que Freire representou em suas variadas formações acadêmicas.

O segundo recorte foi dialogar com a cultura dos *memes* que circulam nas redes sociais. No dia do aniversário do Patrono da Educação Brasileira, fomos bombardeadas com uma quantidade muito significativa de *memes* sobre ele pelas redes sociais. No grupo de *WhatsApp* da turma, esse movimento repercutiu bastante.

² A Fundação Paulo Freire disponibiliza gratuitamente todas as obras de Paulo Freire em formato PDF.

As Epistemologias Freireanas

Por essa ocasião, trouxemos para este estudo a análise, por parte dos cursistas, de um desses *memes*, que julgamos ser um dos que mais se abria a múltiplas produções de sentido, considerando que estávamos ainda por volta do terceiro encontro da disciplina.

Ainda no movimento pelo centenário de nascimento de Paulo Freire, optamos por trazer aos diálogos deste artigo alguns dos *memes* que circularam mais fortemente no dia 19 de setembro, entendendo que o clima do centenário estimula uma produção multimodal festiva.

POR QUE A DISCIPLINA "EDUCAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO EM PAULO FREIRE" COMO MOTE PARA O DEBATE NESTE ARTIGO?

Por ocasião da criação do Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica, do Instituto de Aplicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em 2013, entendemos ser necessária e relevante a criação de uma disciplina eletiva que abordasse o cidadão Paulo Freire, sua vida e sua obra. Assim nasceu a disciplina.

Mas, evidentemente, há algumas questões a indagar sobre ela, como: por que um autor que viveu toda a sua vida no século XX merece ser objeto único de uma disciplina que nasce no século XXI? Ele ajuda a responder desafios deste outro tempo?

Temos percebido que a pedagogia do oprimido não enxergava todos os tipos de oprimidos ou formas de opressão. Mas temos visto que muitos autores do século XXI, que pretendem trabalhar pela emancipação de diferentes oprimidos, encontram ferramentas na pedagogia de Freire.

Entendemos que dialogar, por meio dessa disciplina, sobre o cidadão Paulo Freire e suas formas de ler o mundo, de se relacionar com a natureza e com a criação humana advinda dessa natureza, é dialogar sobre vida. Vida que, em sua essência, seja humanizada. Essa reflexão dialoga com a resposta de Paulo Freire à pergunta “Como você gostaria de ser lembrado?” feita a ele na última entrevista que concedeu, em 1997, ano de sua morte.

As Epistemologias Freireanas

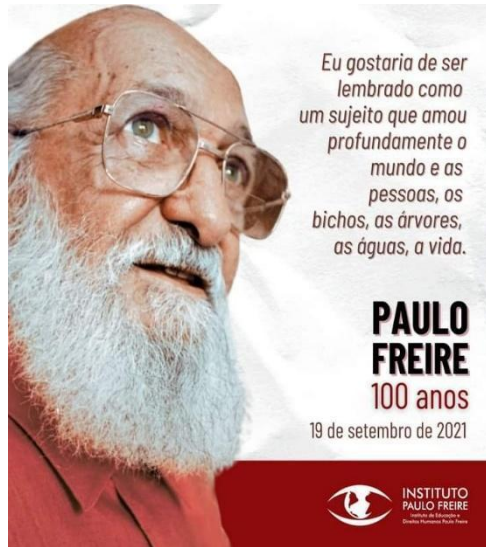


Figura I- centenário Paulo Freire- IPF

Fonte: <https://www.paulofreire.org/noticias/820-centen%C3%A1rio-paulo-freire>

Essa figura do cidadão Paulo Freire, que desejou ser lembrado como um “sujeito que amou profundamente”, dialoga com a compreensão da educação como ato político, porque o amor de que fala Freire é o amor como ato político. Não se trata de um amor contemporizador, mas um amor que se pratica em ações e não se anuncia em discursos vazios. Para o autor:

Não existe neutralidade em coisa nenhuma, não existe neutralidade na ciência, na tecnologia. A gente precisa estar advertido da natureza política da educação. Quando eu digo da natureza política da educação, eu quero salientar que a educação é um ato político. (...) ao mesmo tempo não é possível pensar a escola, pensar a educação, fora da relação de poder; quer dizer, não posso entender a educação fora do problema do poder, que é político. (...). Na verdade o educador é um político, é um artista, ele não é só um técnico, que se serve de técnicos, que se serve de ciência. (...). Então, na medida em que o educador é um ser político, ele tem que ter uma relativa clareza, pelo menos com relação à sua opção política, o que vale dizer que ele precisa se perguntar: em favor de quem eu trabalho em Educação, em favor de quê ou, em outras palavras, qual é o meu sonho enquanto educador. (...). Qual é a minha opção, qual é o meu compromisso. E, daí em diante, eu preciso também viver uma coisa que não é fácil, que é exatamente a coerência entre a expressão verbal da minha opção e a minha prática. Quer dizer, vejam bem, não é o discurso que valida a prática, é a prática que dá vida ao discurso (...). (FREIRE, 2020: 40-41).

As Epistemologias Freireanas

Começando a analisar essa citação do final, “não é o discurso que valida a prática, é a prática que valida o discurso”, entendemos por que Freire sempre esteve atento não apenas a falar ou teorizar sobre a educação, mas principalmente se manteve comprometido com o empreendimento de transformar a educação. Sua compreensão de que a educação vinha (e ainda vem) sendo instrumento de opressão e subalternização de uma camada significativa da população, o fez perceber que educar é um ato de compromisso com um grupo (ou grupos) nas esferas de poder e, portanto, a educação é um ato político. E é nesse momento que ele nos convida a perguntar “em favor de quem eu trabalho em Educação, em favor de quê?”. Ou seja, cada educadora ou educador precisa, antes de tudo, se perguntar que tipo de educação deseja praticar. Freire nos ensinou a praticar uma educação comprometida com a boniteza da vida dos trabalhadores e trabalhadoras do campo, valorizando os seus saberes, que podem se ampliar e se adensar com outros saberes que a escola pode trazer. Mas ensinou que esses outros saberes não podem servir para fazer crer àqueles discentes da classe popular que os seus próprios saberes são inferiores. Desse modo, a dialogicidade do pensamento de Freire se consubstancia nas pontes que a escola pode estabelecer entre diversos saberes e/ou formas de conhecimento.

Ao dizer que o educador “não é só um técnico”, fica claro que ele não desvaloriza a dimensão técnica do fazer da professora ou do professor, mas ele chama a atenção para a multidimensionalidade do trabalho docente.

E esse olhar multidimensional evidencia a atualidade do pensamento de Paulo Freire, assim como sua relevância para refletirmos sobre o ser humano e as relações entre si e com o meio ambiente em que (con)vive. Tratamos de concepções de vida e de educação como caminho para a transformação, para a libertação e emancipação humana, considerando que somente a educação libertadora poderá romper com perspectivas opressoras.

A relevância da disciplina se ancora, ainda, na perspectiva de propor que educadores em formação se permitam olhar para os seus próprios processos formativos e para as práticas que desenvolvem nos espaços educativos. E que, ao revisitarem suas formas de atuação, possam refletir sobre elas e se enveredar por caminhos, talvez outros, que permitam compreender a potência da ação educativa em que o discurso seja, efetivamente, a manifestação da prática como práxis que “pode ser compreendida como a estreita relação que se estabelece entre um modo de interpretar a realidade e a vida e a consequente prática que decorre desta compreensão levando a uma ação transformadora” (ROSSATO, 2008: 331).

As Epistemologias Freireanas

POTENCIALIDADES DOS *MEMES*

Os autores Guerreiro e Soares destacam que *Memes* são criações coletivas, com caráter irônico e humorístico:

(...) visto que são criações dos próprios usuários que mesclam uma situação – que obteve destaque nas mídias e, de certa forma, tornou-se memorável viral – com diversas frases cotidianas, que juntas complementam-se e acabam tendo um significado humorístico e irônico. Presente nas redes sociais, é destinado, comumente, para efeito de humor, porém, percebe-se também uma crítica social, política e cultural. (GUERREIRO; SOARES, 2016, p. 186)

As autoras Mian e Castilho (2019: 18) apontam que também é impossível determinar quais são os fatores sociais que podem fazer surgir um *meme*, visto que as motivações são infinitas e, muitas vezes, inesperadas. Afirmam ainda que:

O humor funciona na maioria dos casos como uma forma de ironizar determinadas situações e deixar as publicações mais atrativas. Entretanto, há *memes* que não apresentam nenhuma referência humorística. Essa constatação demonstra que o humor não pode ser considerado um fator determinante para identificação de um *meme*. (Mian; Castilho, 2019, p. 118)

Caracterizam-se os *memes* por sua composição remixada, criação coletiva, que é modificada e altera os sentidos, com criação e difusão praticamente exclusiva via ferramentas on-line e sua representatividade enquanto expressão cultural da contemporaneidade. (Cf. Mian e Castilho, 126)

Conforme também afirmam Guerreiro e Soares, os *memes* são criações de autorias não divulgadas, uma vez que “(...) não há preocupação do produtor dessas imagens quanto ao design visual, pois são produzidas de modo colaborativo.” (GUERREIRO; SOARES, 2016, p. 191)

Os *memes* trabalham com uma reflexão/crítica sobre temas atuais, numa linguagem irônica, instigando a (re)criação de sentidos. Considerando alguns movimentos atuais que visam depreciar a vida e a obra de Freire, entendemos que os *memes*, com suas características de composição coletiva e crítica bem-humorada mostraram-se como uma estratégia de resposta a esses movimentos.

DESAFIOS DESTE SÉCULO

Conforme afirma Torres (1996, p. 147), “há boas razões pelas quais, na pedagogia da atualidade, podemos ficar com Freire ou contra Freire, mas não sem Freire.”

As Epistemologias Freireanas

O momento político tem nos empurrado a dualidades simplistas como “certo e errado”, “verdade e mentira”, “científico e político”.

Com Freire aprendemos que todas as produções sociais são políticas: “Não existe neutralidade em coisa nenhuma, não existe neutralidade na ciência, na tecnologia...” (FREIRE, 2020, p.40)

Desse modo, ele nos ensinou que é preciso decidir em favor de quem serão as ciências e tecnologias. O discurso autoritário advoga para si uma ciência despolitizada, que sabemos não existir. Um exemplo hoje é a Política Nacional de Alfabetização, que desmerece e desqualifica tudo o que dela diverge, alegando que ciência é o campo da verdade e da neutralidade. Assim, uma Alfabetização Baseada na Ciência - ABC, tem como objetivo

(...)preparar os professores para garantir que as crianças trilhem um percurso de sucesso na aprendizagem da leitura, evitando-se dificuldades de aprendizagem logo no início da trajetória escolar. E tudo isso de forma lúdica, por meio da promoção de competências centrais, como a consciência fonológica, o princípio alfabético e a decodificação.

(http://alfabetizacao.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=230:alfabetizacao-baseada-na-ciencia-abc&catid=16)

Leitura de mundo e escrita da história, para quê? A racionalidade pretendida não quer discutir processos de significação porque não quer que a opressão acabe e sim que ela se torne imperceptível. Ao indagarmos “por que Paulo Freire ainda hoje?” vemos o quão desiguais são ainda hoje os acessos e permanências nos espaços educativos formais, as escolas. Essas desigualdades marcam formas de existência e resistência: o Brasil tem hoje onze milhões de adultos analfabetos (7% da população), o que equivale a um país como toda a população de Portugal ou Cuba (dados da Rede Emancipa³), excluídos do mundo do trabalho formal e que lutam cotidianamente, de diferentes formas, para comer e para se manterem vivos, resistindo e existindo na sociedade. São os invisibilizados, os inferiorizados, os “esfarrapados do mundo”. (FREIRE, 1987, p. 23).

Freire defende que os oprimidos possam superar a condição de inferiorizados, de esfarrapados e que possam alcançar condições mais humanas e dignas de existência.

³ https://www.youtube.com/channel/UC2lOjE5bXVPWv5Ya9MH_DwA

As Epistemologias Freireanas

Acreditamos num conceito de igualdade que reconhece as diferenças culturais, de modo a pluriversalizar a sociedade e não a buscar um universal (padrão) que tende a hierarquizar e acentuar as desigualdades, dos que já estão às margens ou ao sul desse centro.

Como afirma Boaventura de Souza Santos (2003, p. 56), acreditamos que

Temos o direito de ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza, e temos o direito de ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades.

Nesse contexto em que igualdade e desigualdade não são somente dois lados de uma mesma moeda, num movimento pendular de apagamento e memória, a disputa que está posta para o centenário de Freire é comemorar ou esquecer. Então, perguntamos: quem faz questão de comemorar e por quê? Quem produz movimentos de apagamento e esquecimento? E por quê?

Fazemos o convite a pensarmos o porquê de “ainda hoje” Paulo Freire ser perseguido em suas ideias, assim como foi exilado em 1964. Existem semelhanças entre o exílio material sofrido por Freire nas décadas de 60 e 70 do século XX e a tentativa de desqualificar suas ideias e sua trajetória de vida no século XXI, tantos anos após sua morte?

Acreditamos que aqueles que se alimentam da opressão seguem temendo Freire.

Darcy Ribeiro, importante antropólogo brasileiro, contemporâneo de Freire, afirmou que “a crise da educação no Brasil não é uma crise; é um projeto”. Por isso, acreditamos que desqualificar um educador que teve um projeto de educação tão coerente para essa nação é apostar no caos.

Freire acreditava que educandos e educadores brasileiros precisam saber que

... a luta em favor do respeito aos educadores e à educação inclui a briga por salários menos imorais [e] é um dever irrecusável e não só um direito deles. A luta dos professores em defesa de seus direitos e de sua dignidade deve ser entendida como um momento importante de sua prática docente, enquanto prática ética. Não é algo que vem de fora da atividade docente mas algo que dela faz parte (...) (FREIRE, 1996, p. 74).

É preciso negar-se à desqualificação, à desimportância, à falta de ética. É preciso garantir a dignidade, a competência, o compromisso, a fé... Para ele,

Um dos piores males que o poder público vem fazendo a nós, no Brasil, historicamente, desde que a sociedade brasileira foi criada, é o de fazer muitos de nós correr o risco de, a custo de tanto descaso pela educação pública, existencialmente cansados, cair no indiferentismo fatalista cínico que leva ao

As Epistemologias Freireanas

cruzamento dos braços. ‘Não há o que fazer’ é o discurso acomodado que não podemos aceitar. (FREIRE, 1996, p.74).

Assim, o legado de Paulo Freire para a educação brasileira passa por essa reflexão política do fazer pedagógico. A memória de Freire incomoda porque incentiva à “conscientização” de educandos e educadores sobre suas condições de existência, vida, trabalho e afetos. Ele nos ensina a continuar esse trabalho em 2021: A questão que se coloca obviamente não é parar de lutar, mas reconhecendo-se que a luta é uma categoria histórica, reinventar a forma também histórica de luta. (FREIRE, 1996, p 75).



Figura II: Meme que circulou em grupos de WhatsApp em setembro de 2021

UM PENSAMENTO QUE SE ABRE AO DIÁLOGO, SE REINVENTA E SE SUPERA

Paulo Freire não esperava que simplesmente concordassem com ele. Seu pensamento estava sempre aberto, desde que o sentido fosse o da superação das formas de opressão. Os estudos de Educação Decolonial nos levam a uma aproximação ao seu trabalho, porque:

Este vínculo orgânico participativo com os subalternos, que é uma característica do educador decolonial subversivo, requer, também, que ele desenvolva sua pedagogia a partir das fissuras ou das feridas abertas pela colonialidade/modernidade, isto é, que ele seja um testemunho crítico da opressão e um transgressor das relações de dominação, junto com os outros oprimidos. Por isso, não cabe a arrogância, o elitismo e o academicismo tão presentes nos educadores bancários tradicionais, devendo-se abrir espaço para um diálogo franco e construtivo com as bases, como o fizeram em vida e obra Freire e Fals Borda. (NETO, 2018, p. 7).

Freire refletiu e escreveu à frente de seu tempo. Viu nos homens e mulheres da década de 1960 no Brasil e em outros países em que esteve, a necessidade humana de libertação das

As Epistemologias Freireanas

classes populares das condições de opressão. Suas palavras nos permitem refletir sobre o mundo, sobre a natureza, sobre os povos tradicionais, sobre as formas humanas, amorosas, éticas, críticas, tolerantes, esperanças de sermos e estarmos no mundo, que permitem caminharmos em busca da construção do inédito-viável.

A atualidade dos escritos de Paulo Freire nos permite dialogar com o conceito de decolonialidade. Para Neto,

Decolonialidade, na esteira destes autores [Freire e Borda], designa o questionamento radical e a busca de superação das mais distintas formas de opressão perpetradas contra as classes e os grupos subalternos pelo conjunto de agentes, relações e mecanismos de controle, discriminação e negação da modernidade/colonialidade. (2018, p 4)

Freire colocou sua vida a serviço da valorização de saberes, de forma horizontal e ancorada em compartilhamentos que proporcionam a compreensão de que não há um grupo que tenha um saber que se sobreponha ao de outro, porque, se há algo que diferencia o ser humano dos outros seres vivos é a sua capacidade de aprender e de construir seus saberes. Respeitar esses saberes é romper com a arrogância que promove invisibilizar alguns saberes e, assim, *umas gentes*. Como ele mesmo disse,

[...] Nem a Arrogância é sinal de competência, nem a competência é causa de arrogância. Não nego a competência, por outro lado, de certos arrogantes, mas lamento neles a ausência de simplicidade que, não diminuindo em nada seu saber, os faria gente melhor. Gente mais gente". (FREIRE, 1996, p. 165).



Figura III: Meme que circulou nos grupos de WhatsApp em setembro de 2021

As Epistemologias Freireanas

Dizer que Freire é decolonial em 2021 é conhecer um pouco de seu trabalho desde os anos 60, como escreve Ana Maria Araújo Freire (viúva de Paulo Freire) em texto para o Instituto Paulo Freire em 1996:

Sua pedagogia continha a percepção clara da cotidianidade discriminatória da nossa sociedade até então preponderantemente patriarcal e elitista. Apontava soluções de superação das condições vigentes, avançadas para a época, dentro de uma concepção mais ampla e mais progressista: a da educação como ato político. Tudo isso era novo no Brasil que ainda reproduzia, impiedosa e secularmente, a interdição dos corpos dos desvalorizados socialmente, que, assim, viviam proibidos de ser, ter, saber e poder. (FREIRE, 1996, p 36)

Em 1996, ao escrever sobre a Pedagogia de Paulo Freire, Ana Maria Araújo Freire falava das interdições de corpos, do ser, ter, saber e poder a que estava exposta parcela significativa da população brasileira. 25 anos depois, em 2021, ainda lutamos contra essas interdições. Sabemos, especialmente, onde elas se concentram, nos grupos de raça e etnias esvaziadas do direito de ser: negros, pardos e indígenas. E também nos povos tradicionais que se encontram nas matas, nos quilombos, no campo. Nos povos que cultuam religiões que valorizam e respeitam ancestralidades. Todos esses povos gritam e lutam cotidianamente para terem seus lugares de fala. O que vemos, na sociedade do século XXI, são as marcas da exclusão dos seres humanos representados por esses grupos e povos. Muitos deles, autores e atores da nossa história do povo brasileiro. Com isso, podemos observar que, cada vez mais, a sociedade brasileira foi alijando determinados grupos dos processos de decisão política. Até quando essa exclusão deliberada que está na sociedade como um todo e que se reverbera dentro dos espaços formativos como uma pedagogia da exclusão, permanecerá? Até quando os povos que lutaram e lutam por direitos humanos serão interditados? Até quando o direito à palavra, à vida, à humanização será luta?

Os oprimidos de Paulo Freire no Brasil do século XX são análogos aos de hoje: sem teto, sem-terra, mulheres, pobres, pessoas negras, minorias sexuais, indígenas, imigrantes sem documentos, indivíduos em cárcere, minorias religiosas, jovens e pessoas com deficiências. O uso que Paulo Freire dá aos termos “opressão” e “oprimido” evoca desigualdades interseccionais de classe, raça, etnia, idade, religião e cidadania. (COLLIN; BILGE: 2021, p. 212)

As Epistemologias Freireanas

DIALOGANDO COM ESTUDANTES-PROFESSORAS QUE SE INSCREVERAM NA DISCIPLINA EM 2021

As análises que trazemos nesta seção sobre como estudantes-professoras da disciplina ministrada em 2021 compreendem a obra freireana do século XX e a ressignificam nesse século XXI, são apoiadas nos princípios da dialogia Bakhtiniana e da dialogicidade Freireana. Aceitamos o convite de Scorsolini-Comin (2014) para compreender conceitos tão caros a esses dois autores em suas identidades e diferenças de modo a operar com eles em tempos digitais. O autor aborda o ensino a distância, nós os trazemos para a análise dos *memes* e das respostas a um formulário *on-line*.

Scorsolini-Comin, como Freire e Bakhtin, entende que é o diálogo que nos torna humanos, desse modo, defende que “o diálogo configura o caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens” (Scorsolini-Comin, 2014: 252), sendo, portanto, um “elemento humanizador e transformador da realidade.” (idem). Desta forma, ele

buscou refletir como os conceitos desses dois teóricos – Bakhtin e Freire – poderiam contribuir para desvelar sentidos e oferecer explicações alternativas para questões pedagógicas que não podem ser pensadas apenas em termos de estratégias didáticas como mudar a forma de redigir o enunciado de uma dada pergunta. (SCORSOLINI-COMIN, 2014. P. 264)

Do mesmo modo, buscamos fazer de nossos encontros na disciplina diálogos com a obra de Freire, com autores que escrevem sobre Freire e sobre como cada uma ou um de nós compreende e se relaciona com essas obras a partir de suas experiências e reflexões. Para o autor, o conceito de dialogismo ajuda a relativizar a autoria individual dos discursos e a compreender a potência de produções coletivas. (p. 252) Afinal,

A significação não está na palavra nem na alma do falante, assim como também não está na alma do interlocutor. Ela é o efeito da interação do locutor e do receptor produzido através do material de um determinado complexo sonoro. É como uma fásca elétrica que só se produz quando há contato dos dois pólos opostos (Bakhtin, 1992, p. 132)

O grupo de estudantes é constituído por professoras e professores que cursaram suas licenciaturas entre 1992 e 2018, em áreas como pedagogia (50%), Educação Física, Matemática, Letras, Geografia e História.

As Epistemologias Freireanas

Em livro organizado por Moacir Gadotti, a professora Márcia Moraes fala do seu contato com a obra de Freire em 1975, no antigo curso normal no Rio de Janeiro, com adjetivações como o “perigoso”, o “exilado”:

A primeira vez que tive contato com o nome “Paulo Freire” foi em 1975, quando eu estudava no Instituto de Educação do Rio de Janeiro – uma das instituições de maior reconhecimento no meio educacional – que oferecia o curso de Formação de Professores de 1ª à 4ª série do 1º grau (Curso Normal). Naquela época, aos quatorze anos de minha existência, as idéias de educadores como Anísio Teixeira e John Dewey eram introduzidas como parte da nossa formação. Nós aprendemos que existia uma grande variedade de perspectivas na prática e teoria da alfabetização, incluindo as idéias desenvolvidas por Paulo Freire. Mas nossos professores diziam que não deveríamos perder tempo com as perspectivas de um educador “perigoso” que havia sido exilado, porque suas idéias não eram apropriadas para o modelo de educação brasileira. (MORAES, 1996, p. 584)

É interessante trazer aqui o breve relato da estudante-professora Giselle Santos, que se refere à mesma instituição de formação de Márcia Moraes, mas traz outra realidade, quando indagamos sobre onde e quando começou a se interessar por Freire: “No curso normal do Instituto de Educação, a maioria das professoras usavam Freire como teórico principal.” Os momentos históricos são diferentes, Giselle estudou no Instituto nos anos finais do século XX, período de consolidação da democracia no país.

No entanto, cumpre observar que 40% das estudantes-professoras afirmaram não ter tido oportunidade de conhecer o trabalho de Paulo Freire nos cursos de licenciatura, sendo que todas igualmente realizaram suas licenciaturas no período democrático.

Mas, ainda assim, é a formação docente inicial, seja a licenciatura, seja o curso normal de nível médio, a maior responsável pelos primeiros contatos com a obra de Freire, segundo os depoimentos de 68% das estudantes-docentes. 20% dizem que tiveram seus primeiros contatos já no exercício da docência. Os restantes mencionam o próprio programa de pós-graduação e palestras ou cursos isolados.

Indagamos também sobre qual havia sido o primeiro livro lido: *Pedagogia da Autonomia* figura como a maior porta de entrada à obra de Freire (40%), seguido por *Pedagogia do Oprimido* (30%), depois *Professora sim, tia não* e *A importância do ato de ler*

As Epistemologias Freireanas

(9% cada) e *Conscientização* (4%). As demais estudantes-professoras (8%) ainda não haviam lido nenhuma obra do autor.

Scorsolini-Comin assim sintetiza o conceito de diálogo em Bakhtin (dialogismo):

Ultrapassando os estudos interessados em uma compreensão estrutural de diálogo, esse autor propõe tal noção como produto histórico, marcado cultural e socialmente, fundamentando uma crítica ao mecanicismo positivista, à valorização do aspecto sistemático da proposta saussuriana e do estruturalismo subsequente. Também apresenta o diálogo como espaço de embates, lutas, assimetrias que refletem os próprios aspectos da interação social. O diálogo não seria uma instância apenas de negociação e de mediação de conflitos, mas um espaço no qual esses embates poderiam ser acolhidos e repensados, de modo a contribuir com a compreensão de uma realidade macro, a realidade social. (SCORSOLINI-COMIN, 2014: 250)

Em Freire (dialogicidade), para Scorsolini-Comin, o diálogo é:

um fenômeno humano constituído, essencialmente, pela palavra, que possui duas dimensões intimamente relacionadas: ação e reflexão. Em sua concepção, não existe palavra verdadeira que não seja práxis (ação reflexiva), de modo que a palavra se coloca a serviço de transformar o mundo. Ação e reflexão não são dimensões que podem ser compreendidas de modo isolado ou priorizando uma em detrimento da outra, de modo que o diálogo só pode ser estabelecido quando ação e reflexão se colocam juntas e articuladas. É por esse motivo que, muitas vezes, Freire cunha a palavra ação-reflexão. (SCORSOLINI-COMIN, 2014, p 252)

De acordo com Paulo Freire (1987), ao considerar a essência do diálogo como fenômeno da humanidade, encontramos a palavra e suas partes constitutivas. As dimensões ação-reflexão destacadas por Scorsolini-Comin (2014) se apresentam nos escritos de Freire como perspectiva de interação e, nesse sentido, a palavra precisa se constituir na e por meio da práxis. A Palavra é, portanto, meio para a transformação humana e do mundo. Sendo assim,

não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.

Mas se dizer a palavra verdadeira, que é trabalho, que é práxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. Precisamente, por isto, ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la *para* os outros, num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra dos demais. (FREIRE, 1987, p 78)

As Epistemologias Freireanas

A palavra é, portanto, elemento para que haja o diálogo, que se manifesta na relação entre seres humanos.

Porque é encontro de homens que *pronunciam* o mundo, não deve ser doação do pronunciar de uns a outros. É um ato de criação. Daí que não possa ser manhoso instrumento de que lance mão um sujeito para a conquista do outro. A conquista implícita no diálogo é a do mundo pelos sujeitos dialógicos, não a de um pelo outro. Conquista do mundo para a libertação dos homens. (FREIRE, 1987, p. 79)

O diálogo em Freire requer não só pensar, mas pensar criticamente. Requer amor entre os seres humanos. Não pode ser condição para a manipulação, mas, pelo contrário, elemento para a existência da liberdade. Requer, ainda, humildade, esperança, fé e precisa se fazer em uma relação horizontal entre os seres humanos.

A dialogicidade se faz ao se refletir e se questionar, antes de se lançar ao ato de dialogar, sobre o que vai dialogar e, assim, constroem-se os percursos de uma educação humanizadora e libertadora.

Imbuídas desse movimento de tecer o diálogo em uma perspectiva freiriana e por termos nos questionado sobre os sentidos da disciplina “Educação e Transformação em Paulo Freire” sendo oferecida para estudantes efetivos e especiais do PPGEB/CAP-Uerj no ano do centenário de Paulo Freire, resolvemos perguntar às estudantes-professoras da disciplina sobre a contribuição de Freire em sua formação como professoras.

A ESCOLHA DESTE MEME.

Um *meme* nos chamou mais a atenção dentre tantos que circularam em 19 de setembro. Em linguagem não verbal, ele coloca a figura central de Paulo Freire vestindo terno, de modo convidativo, com olhar direto para o leitor, com livros abertos à sua esquerda; passarinhos, ramos e flores e, ao fundo, também à esquerda, um símbolo de luta que é um punho cerrado negro, integrado com a vida e as obras de Freire. A única mensagem escrita está na altura do peito de nosso educador, apenas “FREIRE-SE!”

As Epistemologias Freireanas

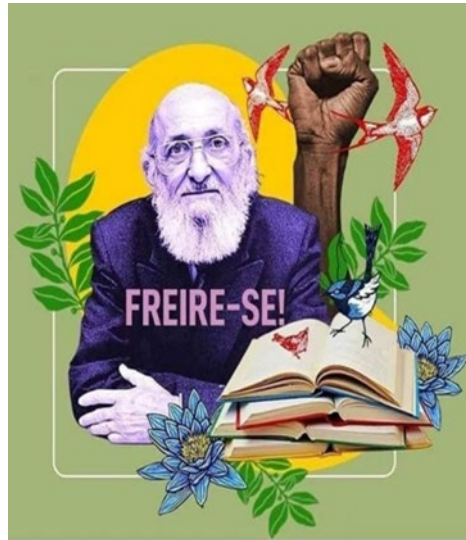


Figura IV: Meme que circulou nos grupos de WhatsApp em setembro de 2021

Quais podem ter sido as intenções do autor ou autoras deste *meme*? Ainda que não seja uma autoria identificável, como é da natureza dos memes, fica-nos a interrogação dos itens que mobilizam sentidos nessa figura: o punho cerrado de cor negra; as aves em cores vermelha e branca e azul; as flores azuis; as folhas verdes, os quatro livros um sobre outro e a imagem de Paulo Freire, de olhar firme e sempre generoso sobre o interlocutor da imagem; a seu fundo, uma figura arredondada amarela.

Vemos muitos signos que compõem um todo significativo. Quais os sentidos possíveis para esse *meme*? Trazemos o argumento de Bakthin (1992) sobre os sentidos, ao afirmar que os sentidos não são produzidos originalmente pelos indivíduos, ou seja, não somos origem dos sentidos, pois não há sentidos novos. Mas também não somos mera repetição de sentidos já produzidos. E é nesse movimento, entre novidade e repetição, que os *memes* criam suas significações.

Pareceu-nos uma mensagem bastante aberta a múltiplas interpretações e, portanto, interessante para nosso objetivo de ouvir as estudantes-professoras sobre os entendimentos que traziam sobre a vida e obra do patrono da educação brasileira logo no início do curso. Interpretamos a premissa textual de que Freire atravessa as diferentes questões, inclusive o diálogo com questões raciais (o punho negro cerrado) e o argumento explícito em palavras: como um ato de “tornar-se como Freire”. *Freire-se*: um nome próprio – Freire – que se transforma em verbo pronominal, em que Freire ou tornar-se Freire parece um processo de autoconstrução. Talvez “viver como Freire” e não apenas ler a obra de Freire... O *meme*, esse texto multimodal, explora a linguagem verbal dessa construção morfossintática (substantivo-

As Epistemologias Freireanas

verbo) – *Freirar-se*. Assim, propõe Paulo Freire como verbo e ação. Passemos ao diálogo com nossas estudantes-professoras sobre o *meme*...

POR QUE PAULO FREIRE É VERBO, AÇÃO, REFLEXÃO E TRANSFORMAÇÃO...

Acceptar e respeitar a diferença é uma dessas virtudes sem o que a escuta não se pode dar. Se discrimino o menino ou menina pobre, a menina ou o menino negro, o menino índio, a menina rica; se discrimino a mulher, a camponesa, a operária, não posso evidentemente escutá-las e se não as escuto, não posso falar com eles, mas a eles, de cima para baixo. Sobretudo, me proíbo entendê-los. Se me sinto superior ou diferente, não importa quem seja, recuso-me escutá-lo ou escutá-la. (FREIRE, 1998, p.136)

Em formulário *on-line* interrogamos as estudantes-professoras da disciplina sobre o que interpretavam desse *meme*. Tivemos respostas recorrentes às ideias de: luta, ação, libertação e transformação, como nas respostas aqui destacadas:

Tem a ver com seu amor pela natureza bem como a sua **luta** por uma educação **libertadora**.
Luta, harmonia com o todo, estudo como possibilidade de **liberdade** e conhecimento.

Com simplicidade e leveza, é possível ousar e **lutar** com Freire!

Educação **liberta**, transforma sua vida, tornando-a mais leve e sem opressão.

Paulo Freire vive e **liberta**!

Educador **libertário**, revolucionário, estudioso livre de todos os métodos que o oprimem enquanto professor

A educação é a chave que pode nos **libertar** das prisões e cadeias que nos impedem de pensar.

Freire é : **ação**/pensamento/movimento/tomada de atitude/ É FILOSOFIA

Vemos que o *meme* também provocou pensar Freire como um autor interseccional.

Penso que é o sentido de priorizar sempre nas políticas públicas e no fazer cotidiano, os oprimidos, as minorias. Isso representa muito o que Paulo Freire realizou em vida e deixou de legado.

As Epistemologias Freireanas

Freire teve uma vida toda dedicada às lutas contra as desigualdades. Foi e é resistência. Ele ameaça o sistema mesmo não estando mais em vida. Nada mais coerente que ele ser associado à luta antirracista. Visto que não podemos pensar em democracia real sem a superação do racismo. Enfim, devemos aprender com ele, uma luta que vai além do falar, tem a ver com o fazer, com a ação, com a mudança concreta no hoje.

Atribuo a "Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição de qualquer forma de discriminação". Pois ao me deparar com a imagem me deparo com o antigo, os escritos de Freire e Freire que são antigos, mas sempre novos e necessários devido às (o)pressões neoliberais que a sociedade nos impõe, na tentativa de manutenção de privilégios e 'status quo'. O novo desdobrar da primavera que promove o renascimento das plantas e da fauna na imagem representados. Na primavera de pensamentos e práticas emancipatórias que resistimos em manter, apesar dos riscos. E, portanto, a essa resistência, mas também a da luta por emancipação e pedagogia antirracista através do gesto do punho cerrado.

Freire reconhece os atravessamentos culturais entre raça e classe quando diz que “não se pode reduzir a análise do racismo à classe social e nem tampouco se pode entender o racismo plenamente sem a análise de classe” (GADOTTI, 1996, p. 307)

Resistência também foi uma palavra recorrente na interpretação do *meme*:

Me remete à necessidade de em tempos tão obscuros nos fortalecermos nas palavras, ações e método deste mestre que se faz tão atual e necessário na **resistência** e insurgência pela busca de uma sociedade mais justa e igualitária.

Freire teve uma vida toda dedicada às lutas contra as desigualdades. Foi e é **resistência**. Ele ameaça o sistema mesmo não estando mais em vida. Nada mais coerente que ele ser associado à luta anti racista. Visto que não podemos pensar em democracia real sem a superação do racismo. Enfim, devemos aprender com ele, uma luta que vai além do falar, tem a ver com o fazer, com a ação, com a mudança concreta no hoje.

A amorosidade freiriana também esteve presente no diálogo proporcionado pela provocação do *meme*, especialmente na ideia de afeto, como substantivo e como verbo.

As Epistemologias Freireanas

O sentido é de uma educação AFETUOSA- SIM! Acredito muito no **afeto** em afetar o aluno e ser afetado pela realidade da vida dele. Ao olhar essa imagem vejo esperança, vejo luta, vejo vitória, mesmo sabendo das adversidades que encontramos, por isso Paulo Freire vive e está vivo até hoje entre nós. Resumindo: Lute, Estude, Persista, Professe com Amor, com Garra, com Esperança, com Afeto, Professe que juntos construiremos o novo.

É se perceber como ser humano, sempre aprendente, em busca de liberdade, compartilhando saberes, refletindo sobre sua prática, aberto à escuta, ao respeito, ao amor, para **afetar** o/a outro/a...

A importância da leitura para Freire também foi lembrada no diálogo:

A luta e a **leitura** são necessárias!

Estímulo ao pensamento crítico, à **leitura** de mundo, ao desenvolvimento do ser como sujeito cidadão ativo da comunidade que integra.

Há também a compreensão de Freire como alguém que não se limita a uma política partidária mesquinha e é nesse sentido que ele tem o lugar de patrono da educação brasileira. Desse modo, aparece também a ideia de contestação ao *meme*:

Eu não vi este *meme*. Mas me parece uma tentativa de deslegitimar o legado dele. O reduzindo a uma figura política partidária comunista.

Há somente uma palavra na composição do *meme*: “Freire-se”. Mas um possível sentido atribuído a esse verbo mostra movimento. Uma estudante-professora retraduz esse verbo em substantivo, também numa única palavra: “Militância”.

Trazemos, portanto, o Paulo do movimento dialógico, do transformar-se, do refletir-se, modificar-se... Que possamos todes “freirmo-nos”, como nos disse uma cursista, que manteve o aspecto verbal do *meme* trazendo-o para o coletivo ao mudar o novo verbo para a primeira pessoa do plural como um convite: “**Freirmo-nos**”. Mas os sentidos e enunciados seguem plurais...

As Epistemologias Freireanas

Pense, repense e conteste!

Vamos contagiar a todos com o conhecimento de Freire.

O mesmo que “liberte-se”, quando nos tornamos protagonistas dos nossos próprios atos, sujeitos críticos e conscientes. “A educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo”.

Acredito que esse *meme* abre margem para vários sentidos. Gostaria de pensar que “Freirar-se” não signifique a necessidade de seguir Paulo Freire e seus ensinamentos sem qualquer questionamento, ou ainda que, por ventura, venha a questionar, visto que os escritos de Freire não sugerem que este deva ser seguido. Quero acreditar que “Freirar-se” é se permitir a conhecer, a ouvir outros pontos de vista. É se permitir ao diálogo, de um jeitinho bem pessoal, mesmo que ao mesmo tempo não seja tão pessoal assim.

Bakhtin nos ajuda a compreender os caminhos dos processos de significação. Para ele: “a compreensão é uma forma de diálogo; ela está para a enunciação assim como uma réplica está para a outra no diálogo. Compreender é opor à palavra do locutor uma contrapalavra. (BAKHTIN, 1992, p. 132). Com ele, também aprendemos que a palavra é arena onde valores e ideias se entrecruzam e disputam sentidos.

Quando pensamos na disciplina Educação e transformação em Paulo Freire em 2021, pensamos na atualidade não apenas dos conceitos e princípios de Paulo Freire, mas no próprio movimento dialógico que ele empreendeu em sua vida profissional e acadêmica.

Vemos hoje, especialmente no Brasil, uma disputa dicotômica das compreensões da Educação que tende a colocar Paulo Freire de um lado e um modelo único de Educação do outro. Se, por um lado, é triste pensarmos na necessidade de que, nesse momento, nos posicionemos frente a essa dicotomia, de outro lado é urgente e imprescindível esse posicionamento. É imprescindível e inadiável nos posicionarmos em favor dos oprimidos. É imprescindível e inadiável nos posicionarmos por uma educação libertária. É imprescindível e inadiável nos posicionarmos em favor de Freire como patrono (padrinho, militante, filósofo, professor etc) da educação brasileira. É imprescindível e inadiável nos posicionarmos contra um novo exílio de Paulo Freire.

As Epistemologias Freireanas

Que suas ideias possam estar em diálogo com todas as outras firmes e potentes frente ao projeto de redução das desigualdades, de construção de condições de dignidade humana para todos, de direito ao aprendizado, de direito ao desenvolvimento, de direito à leitura e à escrita e de direito à valorização das culturas de nosso país.

FECHANDO A NOSSA CONVERSA, POR QUE 5 DÉCADAS DEPOIS - É IMPORTANTE SEGUIR ESTUDANDO PAULO FREIRE?

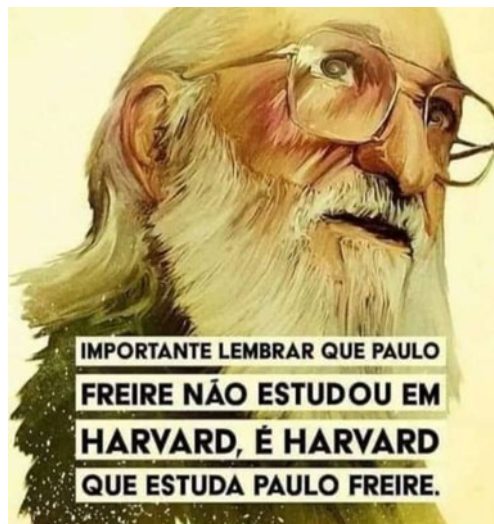


Figura V: *Meme* que circulou nos grupos de WhatsApp em setembro de 2021

Quando nos propusemos a oferecer a disciplina sobre Paulo Freire, vida e obra, e logo no começo pensamos em escrever sobre essa experiência, dada a grande procura pela disciplina, ainda não tínhamos em ideia o perfil que os/as estudantes apresentariam no decorrer das primeiras aulas da disciplina.

Aulas são diálogos, espaços de conversa, de compartilhamentos de saberes, culturas, essências de vida. Por meio das rodas de conversas - porque as aulas, ainda que no formato de encontros síncronos, vão se tecendo em verdadeiras rodas de conversas ou círculos de culturas - os diálogos vão se construindo e fazendo ecoar vida, descobertas, encontros e, também, como Paulo Freire foi tocando cada um e cada uma. Ao percebermos como nossos/as estudantes foram sendo tocados, percebemos a afetividade presente no (re)encontro com Paulo. Cada aula é um (re)encontro, um (re)fazer-se, um (re)aprender-ensinar. Cada aula é um

As Epistemologias Freireanas

espaço de tamanha horizontalidade de compartilhamentos de saberes que não cabe na tessitura de um texto que tenta contar como essa construção se faz.

Por meio das falas, das manifestações, dos depoimentos de cada estudante, vamos percebendo que o Paulo Freire que muitas de nós aprendemos na relação com a educação - libertadora, emancipadora, autônoma, transformadora... - não está restrito à prática educativa. Paulo é vida, é essência, é concepção de vida. Conversar sobre Paulo é conversar sobre o esperar que não se circunscreve no imobilismo, mas naquele que transcende, que vai além e ousa. Por isso, esperar em Paulo Freire é verbo e nasce com o diálogo que se faz entre seres humanos e que existe com a esperança. Como diz Freire (1980: 84), “a esperança está na raiz da inconclusão dos homens, a partir da qual eles se movem em permanente busca. Busca em comunhão com os outros”, que amadurece a esperança, o movimento, o encontro, o fazer-se, a utopia como compromisso e como conhecimento crítico.

Para mim o utópico não é o irrealizável; a utopia não é o idealismo, é a dialetização dos atos de denunciar e anunciar, o ato de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante. Por esta razão a utopia é também um compromisso histórico. (FREIRE, 1980, p. 27)

E assim, na busca pela utopia que é compromisso histórico, ético, humano, os nossos itinerários pelas quatro edições da disciplina “Educação e Transformação em Paulo Freire” no PPGEB/CAP-Uerj nos fazem perceber e reconhecer que sua atualidade nos processos de formação de professores é uma constante. Dessa forma, esse diálogo com/sobre Paulo nos remete a Milton Nascimento que em *Coração Civil*, um dos marcos cancionários do período de resistência à ditadura militar no Brasil nos fez acreditar que o pensamento e o sentimento utópico nos permitem ir além.

Quero a utopia, quero tudo e mais
Quero a felicidade dos olhos de um pai
Quero a alegria muita gente feliz
Quero que a justiça reine em meu país
Quero a liberdade, quero o vinho e o pão
Quero ser amizade, quero amor, prazer
Quero nossa cidade sempre ensolarada
Os meninos e o povo no poder, eu quero ver.

Paulo Freire e Milton Nascimento conversam sobre aspectos que trouxemos para nossas reflexões e que nos permitem reconhecer que ainda há muito a ser feito para que possamos ver a alegria de muitas gentes, com justiça social, equidade, liberdade, afetividade, amorosidade, e o povo no poder, o que seria a materialidade de que o oprimido venceu esse

As Epistemologias Freireanas

lugar e foi além. Por tudo isso, reconhecemos a importância de que educadores e educadoras continuem a estudar sobre Paulo Freire e com Paulo Freire, transitando por seus ensinamentos e valorizando a atualidade de seu pensamento.

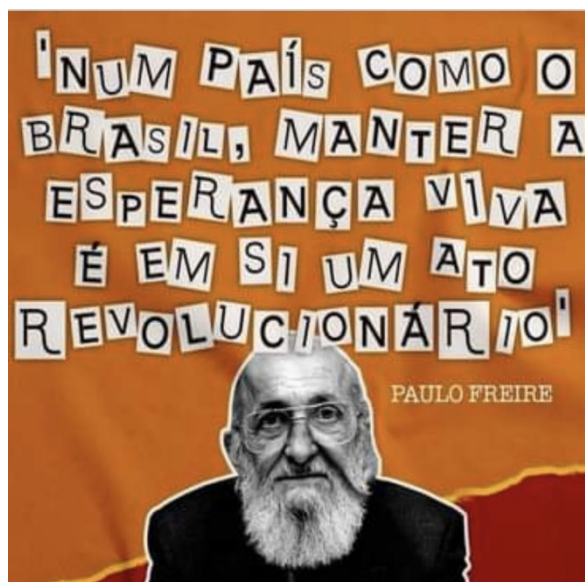


Figura VI: Meme que circulou nos grupos de WhatsApp em setembro de 2021

Freire tem muito ainda a nos ensinar sobre o pensamento divergente, a educação pelo diálogo, a dialogicidade e sobre mantermos “a esperança viva”.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 1992.

bell hooks, **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. 2.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

BERINO, Aristóteles; CARDOSO, Marcélia Amorim. Da fotografia ao meme, Paulo Freire através das suas imagens na internet. **Revista Periferia, Caxias**, v. 9, n. 2, p. 234-256, jul-dez, 2017.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação** - uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Moraes, 1980

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, [1996]1998.

As Epistemologias Freireanas

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da tolerância**. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Paz e Terra, 2020.

GADOTTI, Moacir (org.) **Paulo Freire Uma biobibliografia**. São Paulo: Cortez, 1996. http://acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/3078/1/FPF_PTPF_12_069.pdf. Acessado em setembro de 2021.

GUERREIRO, A e SOARES, Neiva **Os memes vão além do humor: uma leitura multimodal para a construção de sentidos**. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1807-9288.2016v12n2p185/33189>. Acessado em setembro de 2021

MIAN, Mariella B e CASTILHO, Alessandra de. O Ciberativismo potencializado via memes: Uma análise de articulação de pautas políticas e sociais nas redes. **Aurora: revista de arte, mídia e política**, São Paulo, v.12, n.34, p. 110-128, fev.-mai. 2019. <https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/38269/29605>. Acessado em setembro de 2021

NETO, J.C.M. 2018. Paulo Freire e Orlando Fals Borda na genealogia da pedagogia decolonial latino-americana. **FOLIOS: Segunda Época**, (48):3-13. <https://doi.org/10.17227/folios.48-8131>

MORAES, Marcia. Paulo Freire e a formação da educadora. in: GADOTTI, Moacir (org.) **Paulo Freire Uma biobibliografia**. São Paulo: Cortez, 1996. http://acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/3078/1/FPF_PTPF_12_069.pdf p. 584-587

ROSSATO, Ricardo. Práxis. in: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITOSKI, Jaime José (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 331-333.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitanismo multicultural**. Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 56.

TORRES, Carlos Alberto. A voz do biógrafo latino-americano - uma biografia intelectual in: GADOTTI, Moacir (org.) **Paulo Freire Uma biobibliografia**. São Paulo: cortez, 1996. http://acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/3078/1/FPF_PTPF_12_069.pdf p. 117-147

SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Diálogo e dialogismo em Mikhail Bakhtin e Paulo Freire: contribuições para a educação a distância. **Educação em Revista**. Belo Horizonte. v.30, n.03, p.245-265. Julho-Setembro, 2014.

As Epistemologias Freireanas

SOBRE AS AUTORAS

JONÊ CARLA BAIÃO

Professora Associada do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (CAp-Uerj). Atua na Educação Básica, na Graduação em Pedagogia e no Mestrado Profissional de Ensino em Educação Básica (PPGEB). Doutora em Letras (PUC-Rio). Realiza pós-doutoramento no Programa de Psicologia, do Centro de Psicologia da UFF.

CLÁUDIA HERNANDEZ BARREIROS SONCO

Professora Associada do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (CAp-Uerj). Atua na Educação Básica, na Graduação em Pedagogia e no Mestrado Profissional de Ensino em Educação Básica (PPGEB). Doutora em Ciências Humanas - Educação (PUC-Rio).

ANDREA DA PAIXÃO FERNANDES

Professora Associada do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (CAp-Uerj). Atua na Educação Básica, na Graduação em Pedagogia e no Mestrado Profissional de Ensino em Educação Básica (PPGEB). Doutora em Educação (UNICAMP). Realiza pós-doutoramento no Programa de Políticas Públicas e Formação Humana, do Centro de Educação e Humanidades da UERJ. Possui artigos publicados em livros, periódicos com destaque para a área de Educação de Jovens e Adultos.